

AUTOR**Luís Antônio
Contatori
Romano***luisr@unifesspa.
edu.br

* Doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp. Pós-doutorado em Literatura brasileira pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP. Coordenador do programa de mestrado acadêmico em Letras da Unifesspa. Pesquisador Produtividade do CNPq, projeto de pesquisa "Estudo Crítico da revista *Travel in Brazil*, editada por Cecília Meireles, em 1941-1942".

Dois europeus no Rio de Janeiro: Stefan Zweig e Paulo Rónai. Impressões registradas em *Brasil, um País do Futuro* e revista *Travel in Brazil*

Dos europeos en Río de Janeiro: Stefan Zweig y Paulo Rónai.
Impresiones registradas en *Brasil, País do Futuro* y en la revista *Travel in Brazil*

*Two Europeans in Rio de Janeiro: Stefan Zweig and Paulo Rónai.
Registered Impressions in Brasil, País do Futuro and Travel in Brazil magazine*

RESUMO

Objetiva-se comparar impressões sobre o Rio de Janeiro em textos de escritores, refugiados no Brasil durante o Estado Novo de Vargas no contexto das perseguições nazistas na Europa Central. De Stefan Zweig, selecionamos fragmentos de *Brasil, um País do Futuro*, de 1941, que mostram impressões de sua chegada de navio ao Rio de Janeiro em 1936, a idealização do país como "Paraíso Reencontrado" e a flânerie pela cidade, observada de perspectivas diversas. De Paulo Rónai, extraímos fragmentos do artigo "A Impressão de um Europeu do Rio em 1941", da revista *Travel in Brazil*, que revelam associações do Rio a uma imagem de "Terra Prometida" e o transitar do autor entre o trabalho de luto e a homesickness, "saudade de casa".

RESUMEN

El objetivo de este artículo es comparar las impresiones sobre Río de Janeiro que aparecen en los textos de escritores, refugiados en Brasil durante el Estado Novo de Vargas en el contexto de las persecuciones nazis en Europa Central. De Stefan Zweig, seleccionamos fragmentos del libro *Brasil, um País do Futuro*, de 1941, que muestran impresiones de su llegada en barco a Río de Janeiro en 1936, la idealización del país como "Paraíso reencontrado" y su *flânerie*, su callejeo, por la ciudad, observada desde perspectivas diversas. De Paulo Rónai, extraemos fragmentos del texto "La Impresión de un Europeo de Río en 1941", de la revista *Travel in Brazil*, que revelan la asociación de Río con una imagen de "Tierra Prometida" y el transitar del autor entre el trabajo de duelo y la homesickness, la "nostalgia de casa".

ABSTRACT

This article aims to compare impressions of Rio de Janeiro recorded in texts, both published in 1941, by two foreign writers, Stefan Zweig and Paulo Rónai, who were refugees in Brazil during Vargas' Estado Novo government in the Nazi's persecutions context in Central Europe. From Zweig, we selected fragments from *Brasil, um País do Futuro*, which show impressions of his arrival in Rio de Janeiro in 1936, the idealization of the Country as "Eden Rediscovered" and the flânerie through the city, observed from several perspectives. From Rónai, we extracted excerpts from *Travel in Brazil's* article "A European's Impression of Rio in 1941", which reveal Rio's associations to a image of "Promised Land" image and the author's path between mourning work and homesickness.

1. Introdução

Entre a segunda metade da década de 1930 e os primeiros anos de 1940, intelectuais europeus chegaram ao Brasil, fugidos das perseguições nazistas. Dentre eles, Anatol Rosenfeld, Otto Maria Carpeaux, Vilém Flusser, Stefan Zweig e Paulo Rónai. Trataremos, comparativamente, de impressões da cidade do Rio de Janeiro registradas pelo austríaco Zweig, que veio ao país pela primeira vez em 1936, fixando residência em Petrópolis (Rio de Janeiro) em 1941, onde se suicidou em 1942, e do húngaro Rónai, que chegou ao Rio de Janeiro em 1941, permanecendo no Brasil até sua morte, em Nova Friburgo (Rio de Janeiro), em 1992.

De Zweig, selecionamos fragmentos do livro *Brasil, um País do Futuro*, publicado em 1941, centrados em impressões da chegada do escritor ao Rio de Janeiro de navio em 1936, na idealização do país como uma espécie de “paraíso reencontrado”, e em sua flânerie pela cidade, que observa de perspectivas diversas.

De Rónai, extraímos fragmentos do artigo “A impressão de um europeu do Rio em 1941”, publicado na revista *Travel in Brazil* (1941). Nessas impressões, registradas menos de dois meses após sua chegada de navio, está presente a associação do Rio a uma imagem de “Terra Prometida”.

Cotejar os textos de Paulo Rónai e de Stefan Zweig sobre o Rio de Janeiro implica buscar diferenças subjetivas nas impressões e estilos de escrita a partir de semelhanças nas condições da realidade histórica de ambos. Eram autores de origem judaica, perseguidos na Europa e acolhidos no Brasil durante o Estado Novo de Vargas, quando o país ainda se apresentava como neutro diante da guerra conflagrada. Ambos escrevem sobre a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, em um contexto em que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) controlava e censurava a produção artística. Paulo Rónai escreve para uma revista financiada pelo DIP, quanto à obra de Stefan Zweig, *Brasil, um País do Futuro*, pairam dúvidas sobre as motivações políticas, isto é, a possível retribuição ao Governo Vargas pelo refúgio brasileiro. Além disso, ambas as publicações, o livro de Zweig e a revista *Travel in Brazil*, caíram em certo esquecimento, em razão, justamente, de estarem vinculados, direta ou indiretamente, ao DIP, embora revelem significativas representações do Brasil a partir de e destinadas ao olhar estrangeiro. No intuito de reinserir a *Travel in Brazil* no contexto das discussões acadêmicas, tenho desenvolvido, nos últimos cinco anos, projetos de pesquisa, fomentados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo *corpus* de análise está formado por artigos publicados nessa revista. No caso específico da análise do artigo de Paulo Rónai, escolhi tecer comparações com o livro de Zweig pelas razões contextuais já mencionadas.

A revista *Travel in Brazil* foi editada por Cecília Meireles entre 1941 e 1942 e fomentada pelo DIP do Estado Novo de Vargas. Foi publicada em inglês e tinha como objetivo divulgar o Brasil como destino turístico, especialmente nos Estados Unidos. Muitos de seus artigos, sempre ilustrados com fotografias em preto e branco legendadas, foram escritos por intelectuais vinculados a diferentes correntes modernistas no Brasil, entre os quais destacam-se Mário de Andrade, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Menotti Del Picchia, Tasso da Silveira, Sérgio Buarque de Holanda e a própria Cecília Meireles.

Raúl Antelo (2004) considera essa revista pautada por um programa nacionalista e modernista, que mostra um aspecto “instigante da modernidade periférica: seu inconsciente ótico”. O enorme valor que concentra nas imagens fotográficas pode revelar a relação especular entre o modernismo brasileiro e o seu “Outro”, representado pelo trânsito entre a ideologia arianizante do Estado Novo e a política de alinhamento com a modernidade industrial norte-

PALAVRAS-CHAVE
Literatura de Viagens; Paulo Rónai; Stefan Zweig.

PALABRAS CLAVE
Literatura de Viajes; Paulo Rónai; Stefan Zweig.

KEYWORDS
Travel Literature; Paulo Rónai; Stefan Zweig.

Recibido:
15/03/2018

Aceptado:
21/05/2019

americana, no início dos anos de 1940. Nesse sentido, as fotografias que ilustram o artigo de Paulo Rónai incluem a modernidade da iluminação elétrica em vista panorâmica noturna da avenida Atlântica, o tráfego de automóveis na avenida Rio Branco e aspectos da tradição europeia, como as imagens internas da Confeitaria Colombo e da livraria José Olympio, na rua do Ouvidor. Ilustrando o mesmo texto, encontramos imagens de representações de nacionalidade, também caras ao modernismo, como as vitórias-régias no Jardim Botânico e a Floresta da Tijuca, cuja foto focaliza um automóvel que se move em uma estrada pavimentada, cercada por frondosas árvores – amálgama de nacionalidade e modernidade.

2. Representações do espaço estrangeiro

Machado e Pageaux (1988) consideram que a representação do espaço estrangeiro é parte de um imaginário social sobre o “Outro”, que se constitui de referências literárias, das Ciências Sociais e de estereótipos que servem à comunicação massiva. Do ponto de vista da linguagem, as escolhas vocabulares, as relações hierarquizadas em que se organizam as comparações explícitas ou implícitas contidas no texto, os cenários em que se situam os agentes e suas ações revelam certa representação do espaço estrangeiro, de suas práticas culturais e paisagens. Essa representação se estrutura em quatro atitudes fundamentais: a “mania” se manifesta quando a “realidade cultural estrangeira é tida pelo escritor ou pelo grupo como sendo absolutamente superior à cultura nacional de origem” (Machado e Pageaux, 1988, p. 73); seu contrário é a “fobia”, quando a “realidade cultural estrangeira é tida por inferior ou por negativa em relação à cultura de origem” (Machado e Pageaux, 1988, p. 73). A realidade estrangeira pode também ser vista como positiva, tal como a cultura de origem, há assim “uma admiração mútua: é a atitude a que chamaremos de ‘filia’.” (Machado e Pageaux, 1988, p. 74) No escritor que se afirma “cosmopolita”, há uma tentativa de não expressar juízo de valor positivo ou negativo.

Pinto-Correia, no ensaio *Deslumbramentos, horror e fantasia: o olhar ingênuo na literatura de viagens*, trata do modo como o viajante olha os mundos visitados especialmente nas viagens de descobertas marítimas, o que não impossibilita expandirmos suas reflexões para os viajantes contemporâneos. O primeiro olhar do viajante, que Pinto-Correia (2003, pp. 17-18) nomeia de “olhar ingênuo”, pode se manifestar na forma do “deslumbramento”: “A novidade, a grandeza ou a beleza das paisagens e gentes parecem não poder ser avaliadas, pelo menos num primeiro momento, por qualquer outra preocupação senão a de contemplar, presenciar e anotar.” Mas, esse primeiro olhar também pode se manifestar pela “fantasia”, ao adotar estratégias de representação “como a comparação com o já conhecido ou a evidente procura de anteriores propostas de representação literária” (Pinto-Correia, 2003, p. 30).

Nos autores que são objeto de nosso estudo, os olhares de deslumbramento e fantasia sobre o Rio de Janeiro revelam certo trânsito entre filia e mania. Na contemplação minuciosa, os novos espaços são significados pelo recurso de comparações com referências literárias e com lugares que foram familiares a Zweig e Rónai. Esses primeiros olhares revelam ainda fantasias que transfiguram o espaço de exílio em correspondências com certos mitos ou modelos ideais: terras prometidas, paraísos terrestres perdidos, lugares desejados, etc.

O Éden perdido com a expulsão de Adão e Eva era situado, no contexto do pensamento religioso medieval, em algum lugar desconhecido da Terra, sendo mencionado em descrições de viagens reais e fictícias. Colombo, já no limiar da Idade Moderna, procura o Éden em suas expedições pelas Índias Ocidentais. Para Sérgio Buarque de Holanda, em *Visão do paraíso*, este correspondia à projeção de uma reminiscência idealizada da infância dos povos ou de uma época anterior de delícias, compensatória para um tempo presente de aflições (2007, p. 151).

No contexto da II Guerra Mundial, o “Paraíso Terrestre” se vincula ao reencontro de um mundo de prazeres sensoriais e reconhecimento público, perdido por Zweig na Áustria. Já a “Terra Prometida” parece se abrir

a Rónai como espaço de salvação e reposição dos lugares de origem irremediavelmente perdidos na Europa. Mas, para Zweig, o asilo terá um preço político: a escrita do livro e sua má recepção no Brasil, cuja intelectualidade o associa a uma atitude de subserviência ao Estado Novo. Talvez a prévia consciência do comprometimento com a ditadura brasileira, assim como fatores climáticos, pois o calor do Rio passa a desagradá-lo, e culturais, à medida que começa a se ressentir da falta de boas bibliotecas, onde esse reconhecido biógrafo pudesse pesquisar, são fatores que fazem com que o suposto “paraíso” comece a decepcioná-lo, o que resultará, como veremos, em uma escrita tensa, de impressões a posteriori.

3. Zweig e o Brasil

Para entender a aproximação entre Zweig e o Brasil, recorreremos à biografia escrita por Alberto Dines, *Morte no paraíso*. Em 1936, a caminho de um congresso do Pen Club em Buenos Aires, Zweig permanece alguns dias no Brasil:

Maduro, desenraizado, só aos 55 anos Stefan Zweig descobriria a Terra Prometida. Seu entusiasmo pelo Brasil foi flagrado ainda no convés do navio, quando anunciou aos repórteres que escreveria um livro sobre o país. Já estava aqui quando chegou (Dines, 2004, pp. 74-75).

Em 21 de agosto de 1940, Zweig e Lotte, sua segunda esposa, que residiam na Inglaterra, retornam ao Brasil. Depois de uma estada no Rio de Janeiro, viajam à Argentina e a Nova York, até se estabelecerem em Petrópolis no ano seguinte. Permanecer na Áustria havia se tornado impossível depois da anexação ao *Reich* Alemão. Embora tivessem cidadania inglesa, permanecer entre Londres e Bath, onde o casal adquiriu uma propriedade, era arriscado sob o risco de bombardeio alemão. Ao retornar ao Rio, Zweig se entusiasma com o progresso da cidade, vê um renascimento da cultura latina na América do Sul. A Agência Nacional, em setembro de 1940, publica uma entrevista em que Zweig comenta festejos da Semana da Pátria:

[...] Gostaria que meus amigos do Velho Mundo assistissem a esse espetáculo de renovação e vissem, como eu, o ardor e garbo verificados nas festas cívicas, como a parada da juventude e a Semana da Pátria, em que o governo, o povo e as forças armadas pareciam um só bloco... isso se deve à obra do presidente Vargas. Não exagero em afirmar que o chefe do governo brasileiro fez um novo Brasil (Dines, 2004, p. 313).

Para Dines (2004, p. 313), os amigos europeus de Zweig, engajados no combate ao nazi-fascismo, não iriam aderir a esse entusiasmo diante do desfile de jovens na Semana da Pátria: “Comandados por instrutores de educação física, os escolares agitam bandeirinhas e, ao som de apitos, voltam o rosto para o presidente.” Na revista *Travel in Brazil*, encontramos um texto, de evidente proselitismo do Estado Novo, que toma a educação física, tal como nos regimes nazi-fascistas europeus, como instrumento de estetização e valorização do homem. No artigo, assinado por J. Moreira de Souza, intitulado “A Escola Nacional de Educação Física no Brasil”, encontramos o trecho:

A atual política educacional do Brasil objetiva a valorização do elemento humano, como um fator preponderante na prosperidade econômica e cultural do país, por meio de processos ativos que instigam os alunos com o desejo de colaborar plenamente com o governo na tarefa comum de progresso e civilização. A esse respeito, a Escola Nacional de Educação Física desempenha um papel altamente significativo, como o método mais adequado no desenvolvimento e expansão das capacidades físicas e psíquicas dos estudantes (Souza, 1942, p. 12).

Parece ser a essa ideologia de colaboração com o “progresso civilizacional”, materializado no Estado Novo de Vargas, com que Zweig se compromete ao retomar o projeto de um livro sobre o Brasil, anunciado na primeira viagem, em 1936: “Quando teve a ideia, quem a sugeriu, como se materializou – nada disso é

mencionado nas cartas [de Zweig]. A rapidez com que conseguiu em Londres a autorização para voltar ao Brasil pode ter algo a ver com o livro” (Dines, 2004, p. 314). No entanto, ao advogado austríaco Alfred Gartenberg, também refugiado no Rio, Zweig desabafa: “O senhor não entende! Fui obrigado a escrever um livro sobre o Brasil e o que sei sobre o Brasil?” (Dines, 2004, p. 316).

Para executar esse projeto, Zweig viaja ao circuito barroco de Minas Gerais: Ouro Preto, Sabará, Mariana, Congonhas. Mas, o livro não seria mero roteiro ou folheto com impressões de viagem. Entre os colaboradores a que recorre para obter as informações econômicas e históricas de que necessita estão Roberto Simonsen e Afonso Arinos de Melo Franco. No entanto, Zweig não teria lido duas fontes indispensáveis sobre a formação do Brasil: Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, conforme relata Dines (2004, p. 326).

A recepção de *Brasil, um País do Futuro* pode ser considerada uma expressão do “homem cordial” brasileiro, mas no sentido comum do termo, tal como pensado pelo poeta e diplomata Ribeiro Couto, mais tarde desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Em Holanda, a cordialidade se deve a este mover-se “pelo coração”: tanto pela amabilidade quanto pela ferocidade que a relação com o outro pode provocar “no coração”, como centro das emoções. Mas, o livro de Zweig não foi recebido cordialmente, no sentido corriqueiro do termo, entre a inteligência brasileira mais à esquerda, que o considerou “de encomenda” para propagandear o Estado Novo de Vargas no exterior, que para esse fim parecia instrumentalizar a escrita de autor reconhecido mundialmente. Se houve cordialidade, certamente foi no sentido a ela atribuído por Holanda: a obra teria ferido suscetibilidades locais e provocado certo isolamento de Zweig em Petrópolis. O próprio Ribeiro Couto que, provavelmente, ajudou Zweig a obter o visto brasileiro, como também ajudou Rónai, se afastou do escritor austríaco após a publicação da obra.

3.1. O Rio visto do navio

Em *Brasil, um País do Futuro*, Zweig descreve a chegada ao Rio de Janeiro por mar, em 1936. O seu olhar de deslumbramento é identificado ao dos turistas, que, do convés do navio, contemplam a aproximação da cidade, mesmo que para alguns a paisagem já não seja vista pela primeira vez:

De manhã cedo, todos os passageiros estão a bordo em ansiosa expectativa, munidos de binóculos e câmeras. Ninguém quer perder a famosa entrada na baía do Rio de Janeiro, por mais que já a tenha visto e admirado antes. O mar ainda brilha azul e metálico como há dias e dias, numa monotonia tranquilizadora e, ao mesmo tempo, cansativa. Todavia, sentimos que nos estamos aproximando do litoral, respiramos a terra antes mesmo de avistá-la, pois o ar subitamente fica mais úmido e doce, chega mais macio às mãos e à boca, há um vago odor, gerado nas profundezas das imensas florestas com o hálito das plantas e a umidade das flores, aquele odor indescritível dos trópicos, quente, úmido e fermentado que nos inebria e cansa ao mesmo tempo de maneira suave (Zweig, 2013, p. 156).

Em Zweig, de início, a cena descrita destaca a expectativa dos turistas, aparatados com seus instrumentos de “olhar” e “registrar”, o que é apresentada sob um ritmo tenso, expresso por meio de hipérboles e antíteses: “passageiros em ansiosa expectativa”, “respiramos a terra antes mesmo de avistá-la”, os viajantes vivem entre “a monotonia tranquilizadora” e “cansativa”, entre o ambiente que “inebria” e “cansa”. O que binóculos e câmeras esperam é pela percepção exótica da paisagem, referida por meio de impressões tensas. Talvez a expectativa pelo alívio da tensão se revele no enquadramento do que veem os passageiros em topos da literatura de viagens tradicional, sinais que para o viajante renascentista indicavam a aproximação da terra: pássaros e vegetação. E a vegetação selvática, quente, úmida e densa é apresentada pelo olhar de Zweig. A contemplação deslumbrada parece recriar a ambientação carregada de exotismo, presente, por exemplo, na descrição do clima e da vegetação marinha dos *Diários da Descoberta da América*, de Cristóvão Colombo (1998, p. 44), em que o navegador registra o alívio da tensão (“graças a Deus”) que os sinais de terra proporcionam:

[...] Encontraram o mar feito o rio de Sevilha; graças a Deus, diz o Almirante. O ar, dulcíssimo, como em abril em Sevilha, que dá prazer respirá-lo, de tão perfumado que é. As algas pareciam bem novas; muitos passarinhos como os do campo; e conseguiram pegar um que ia fugindo para o sudoeste, galhas, gansos, e um alcatraz.

Como lembra Todorov (2003, pp. 5-9), a descoberta da América por Colombo é o encontro mais surpreendente de nossa história. Talvez outros viajantes renascentistas, tais como Vasco da Gama e Fernão de Magalhães, tenham feito viagens mais difíceis, mas eles sabiam para onde iam, enquanto Colombo não podia ter certeza de que não encontraria um abismo ou de que sua navegação para oeste significasse uma longa descida, tornando impossível o retorno. Claro, Colombo tinha leituras prévias, entre as quais Pierre d'Ailly e Marco Polo, mas sua rota nunca fora antes navegada. Trata-se, em Colombo, de uma tensão diante do não conhecido. Já Zweig, quatro séculos e meio depois, mostra um olhar preparado por muitas referências prévias sobre o Brasil, já não é um primeiro olhar, ingênuo, como poderíamos dizer com base em Pinto-Correia (2003). Além disso, seu texto é construído a partir de uma segunda preparação do olhar, pois sua escrita literária reelabora a fantasia ao realizar-se cerca de quatro ou cinco anos após a primeira viagem ao Rio de Janeiro. Talvez o estilo tenso da escrita de Zweig condense a expectativa inicial por uma terra de acolhimento, um reencontro do “paraíso”, e, a posteriori, a fadiga que o clima e o isolamento passaram a lhe causar. Assim descreve a aproximação da baía de Guanabara:

Finalmente, no horizonte, um contorno: uma cadeia de montanhas desenha-se vagamente contra o céu vazio e, à medida que o navio se aproxima, torna-se mais nítida: é a cadeia de montanhas que protege com os braços abertos a baía de Guanabara, uma das maiores do mundo. Todos os navios da terra caberiam juntos nessa baía que se divide em muitas pequenas enseadas, e dentro dessa enorme concha aberta jazem inúmeras ilhas espalhadas como pérolas, cada uma delas diferente em forma e cor. [...] Algumas têm casas, outras parecem jardins flutuantes com palmeiras e jardineiras, e enquanto admiramos, curiosos, a insuspeitada diversidade de formas através do binóculo, surgem ao fundo as montanhas em toda a sua plasticidade, também cada uma delas diferente e teimosa. [...] E foram nomes bem terrenos que o imaginário popular deu a cada uma dessas figuras de pedra: Morro da Viúva, Corcovado, Dedo de Deus, Gigante Adormecido, Dois Irmãos e o Pão de Açúcar, de todos o mais visível. Ele surge pouco antes da cidade como a estátua da Liberdade em Nova York, símbolo antigo e irremovível da cidade. Acima de todos esses monólitos e montanhas se ergue o cacique dessa dinastia de gigantes, o Corcovado, segurando uma enorme cruz, iluminada à noite por luz elétrica, abençoando o Rio de Janeiro (Zweig, 2013, pp. 156-157).

O navio se aproxima da Guanabara, cujos contornos, cadeias de montanhas e ilhas vão ficando cada vez mais nítidos, até que a baía se torna hiperbólica, expressão de uma fantasia de acolhimento, talvez: lugar onde caberiam “todos os navios do mundo”. Em seguida, em outra hipérbole, Zweig remete-se ao formato da baía, “enorme concha aberta”, símbolo maternal, de fecundidade e de erotismo, como sugere o mito de que Afrodite teria nascido de uma concha, imortalizado por Botticelli (Chevalier e Gheerbrant, 2009, pp. 269-270). A hiperbólica antevisão do “paraíso” a partir do navio culmina na ideia de que a natureza, no Rio, tentou “enfileirar uma ao lado da outra todas as formas da terra”. Assim, ao acolhimento na baía onde caberiam todos os navios do mundo e que se abre em forma de concha, condensa-se a ideia do microcosmo natural, imagem do “paraíso reencontrado”. Compara ainda a visão do morro do Pão de Açúcar à impressão causada pela estátua da Liberdade ao adentrar o porto de Nova York. Enfim, a cultura, na paisagem carioca, se trasveste de natureza, e o morro do Corcovado, com a imagem do Cristo iluminado, abençoando a cidade, reforça o ideal de acolhimento, no “paraíso do bom selvagem”, afinal o Corcovado é “o cacique dessa dinastia de gigantes”. Também se evidencia a estética que procura unir nacionalidade, ligada à natureza, e modernidade, expressa aqui pela luz elétrica, que “abençoa o Rio de Janeiro”; estética esta que, como vimos em Antelo (2004), está presente na revista *Travel in Brazil*. Mas, esse parece ser um olhar não de viajante, ao calor da hora, mas exercício de deslumbramento lírico literariamente elaborado. Da entrada na baía de Guanabara até o cais da Praça Mauá, o percurso é descrito como longo e dramático:

Só agora, depois de passar pelo emaranhado de ilhas, finalmente avistamos a cidade. Porém não a avistamos toda de uma vez. O panorama de casas não se descortina de uma só vez como em Nápoles, em Argel, em Marselha, como uma arena aberta com escadarias em pedra. Quadro por quadro, parte por parte, perspectiva por perspectiva o Rio de Janeiro vai se descortinando sucessivamente como um leque que se abre, e é precisamente o que torna a entrada na baía tão dramática, tão incessantemente surpreendente. [...] Finalmente aparece a praia curvilínea, uma vista encantadora: uma longa avenida à beira-mar, com casas, vilas e jardins, e que recebe constantemente as espumas das ondas. Já se distingue o hotel de luxo e, nas encostas dos morros, as mansões cercadas de floresta – mas, ledo engano! Aquilo era só a praia de Copacabana, uma das mais belas do mundo; apenas um bairro, não a cidade propriamente dita. É preciso ainda dar a volta ao Pão de Açúcar, que impede a vista, e só depois disso vemos a cidade em torno da baía, densa e branca junto à praia, diluindo-se nos morros verdejantes. Vemos os jardins recém-feitos à beira-mar e o aeroporto construído dentro do mar. Em pouco tempo desembarcaremos e satisfaremos nossa ansiedade. Mas nada disso! Novamente foi um engano, aquilo foram as enseadas de Botafogo e Flamengo. O navio prossegue, mais uma parte desse leque divino e colorido ainda tem que ser aberta: é preciso passar pela ilha da Marinha e por aquela pequena ilhota com o palácio gótico, onde o imperador D. Pedro II, poucos dias antes de perder o trono, deu seu último baile (Zweig, 2013, pp. 157-158).

Ao empregar a hipérbole do gigantismo da terra avistada ao longe, em outro topos da literatura de viagens tradicional, Zweig ainda a enfatiza ao se servir da comparação com Nápoles, Argel e Marselha. A entrada na baía é dramática, descortina-se cena por cena, quadro por quadro, até que aparecem a avenida beira-mar e mansões, jardins, hotel de luxo, aeroporto construído dentro do mar... traços de civilização entre a desmesurada paisagem natural. O olhar do viajante procura vislumbrar a cidade entre a paisagem, num jogo de sedução em que os bairros de Copacabana, Botafogo, Flamengo são tomados como a cidade que se mostra - para em seguida voltar a se esconder. Ainda é preciso contornar o Pão de Açúcar e passar por outras ilhas, entre elas a Ilha Fiscal, com seu palácio em estilo gótico, onde D. Pedro II, nosso imperador Habsburgo, deu seu último baile. Então, o cais se descortina. Mas, essa dramática descrição parece resultar de uma perspectiva a posteriori, prazeroso exercício lírico de recordação para Zweig, e talvez de deslumbramento para o leitor, que adere à perspectiva do artista.

Dura uma hora a navegação do olhar em meio à baía de Guanabara, e eis que surge outra comparação com Nova York:

Essa entrada de uma hora no Rio de Janeiro é um acontecimento único e, em sua impressão irresistível, somente comparável à chegada em Nova York. Mas Nova York saúda de maneira mais austera, enérgica: parece um fiorde nórdico com seus cubos brancos dispostos uns sobre os outros. Manhattan é uma saudação viril, heroica, é a vontade humana da América, ereta, uma única explosão de energia concentrada. O Rio de Janeiro não se empertiga: abre seus braços macios, femininos, recebe o recém-chegado com um abraço carinhoso e aconchegante, atrai, abandona-se com certa volúpia aos olhares. Tudo é harmonia, a cidade e o mar e o verde e as montanhas, tudo se mescla sonoramente, nem mesmo os edifícios, os navios, os letreiros de néon atrapalham, e essa harmonia se repete com acordes sempre variados: a cidade é diferente quando vista a partir dos morros, do mar, mas é sempre harmônica, diversidade dissolvida em unidade sempre completa – natureza que se transformou em cidade e cidade transformada em natureza (Zweig, 2013, p. 158).

No Rio de Janeiro, é o Pão de Açúcar que se mostra em lugar da estátua da Liberdade e nessa comparação com Nova York, Zweig marca a diferença entre o heroísmo americano e a voluptuosidade sensual do Rio de Janeiro, sentido que já se podia entrever na descrição da gigantesca baía aberta em forma de concha e da cidade encoberta entre as inúmeras ilhas, o que evoca uma dança sensual do olhar. A cidade parece nascer da concha, como Afrodite, lugar que é também microcosmo edênico, pois parece conter todas as

naturezas do mundo. E o viajante se deixa abraçar por esse harmonioso paraíso dos sentidos, e a cidade, personificada, abandona-se e se entrega à volúpia dos olhares.

3.2. Ritmo tenso

Ao adentrar a cidade do Rio de Janeiro, Zweig apresenta-a ao leitor a partir de intenso movimento, como se se movesse pela cidade com a câmera filmadora no ombro, na ânsia de perceber cores, ritmos, as variadas paisagens da cidade em que se misturam urbanismo e natureza, brancos, negros, mestiços, ricos e pobres. O deslumbramento que o texto a seguir revela não se dá na forma de uma introjeção do objeto visto, como irá sugerir o texto de Rónai, mas de uma entrega ao objeto, sem que haja distensão, o esperado sossego no “paraíso”, que Zweig inventa para si no Brasil. No Rio de Janeiro, o olhar do austríaco assume múltiplas perspectivas:

[...] Passear a pé, coisa que em outras grandes cidades quase não dá prazer ou não é mais possível, aqui ainda é um deleite e uma alegria cotidiana. [...] Visitamos um amigo e, conversando, olhando pela janela do sexto andar: ampla e majestosa, como nunca vimos antes, expande-se a baía com suas ilhas brilhantes e os vapores que a atravessam. Noutro cômodo, com vistas para os fundos, no mesmo apartamento, já não avistamos mais o mar, mas temos diante de nós a estátua do Cristo e os vultos escuros das estrelas. As luzes das ruas brilham a perder de vista, e ao mesmo tempo, quando nos debruçamos sobre a sacada, vemos uma favela com pequenos barracos e luzes coloridas. [...] Em quinze minutos podemos ir de um mar cintilante até o topo de uma montanha, em cinco minutos sair do mundo luxuoso para a mais primitiva miséria dos barracos, e novamente estamos em pleno movimento cosmopolita de cafés resplandecentes e no meio de um rio de automóveis – tudo aqui se confunde, entrecruza, pobres e ricos, jovens e velhos, paisagem e cultura, casebres e arranha-céus (Zweig, 2013, pp. 154-155).

Brasil, um País do Futuro parece congrega admiração sincera pelo país, antevisto como uma espécie de Éden reencontrado, ponto de fuga de uma Europa desagregada pela guerra, informações que Zweig colheu em viagens e em seus contatos com intelectuais brasileiros, em um momento em que o Governo Vargas ainda simpatizava com os regimes nazi-fascistas europeus, especialmente com a Itália de Mussolini, e decretava uma série de normas visando restringir a entrada de pessoas de origem judaica e deportar para a Europa aquelas consideradas ilegais ou não desejadas.

4. Rónai e o Brasil

O filólogo, tradutor e ensaísta Paulo Rónai chegou ao Brasil no início de 1941, após ter sido internado, por seis meses, em um campo de trabalhos forçados em seu país, no contexto da aproximação entre a Hungria e o *Reich* Alemão. Em Budapeste, havia estudado português como autodidata. Conheceu o poeta Ribeiro Couto, então diplomata na Holanda, com quem se correspondeu e quem, provavelmente, ajudou Rónai a obter um convite da Divisão de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores para imigrar para o Brasil. Nessa época, Vargas autorizava a imigração de pessoas de origem judaica em casos “de comprovada relevância cultural”.

Em 1939, Rónai publicou na Hungria uma antologia de poetas brasileiros, por ele traduzidos. Segundo Nelson Ascher (2007), quando Rónai chegou ao Brasil já conhecia muito de nossa cena literária:

Não é à toa, portanto, que, ao desembarcar no Rio, ele já conhecia a cena literária melhor do que muitos críticos locais. Drummond, Bandeira, Mário de Andrade e Cecília Meirelles, entre outros, haviam sido incorporados à antologia de poesia brasileira (a primeira do gênero) que ele publicara, em 1939, em Budapeste. (Rónai traduzira também uma coletânea dos poemas de Ribeiro Couto e é

quase certo que foi com o auxílio deste que conseguiu o visto brasileiro.) Muitos se tornariam seus amigos pessoais e, entre os novos que fez, estava um diplomata que o ajudara nas tentativas, junto ao Itamaraty, de obter um visto para sua noiva e demais familiares que haviam ficado para trás. Certo dia, o amigo enviou-lhe seu livro de estreia. Tratava-se de Sagarana.

Ao sair da Hungria, o passaporte de Rónai, como o de outros judeus que conseguiam refúgio, levava o carimbo de “sem validade para retorno”. Chegou de navio ao Rio de Janeiro, a partir de Lisboa, em 20 de março de 1941, onde se estabeleceu até sua morte.

4.1. Aproximação marítima do Rio de Janeiro

Em “A impressão de um europeu do Rio em 1941” assim Rónai manifesta seu deslumbramento diante da aproximação da baía de Guanabara:

Quando avistamos a costa brasileira, nossas almas ainda se sentiram oprimidas pelo pesadelo da jornada. Então, neste momento, a Baía de Guanabara, se espreguiçando debaixo do puro céu dos trópicos, refletiu a vida transmitindo raios de sol morno, se apresentando a nós nos cestos dos barcos mercantes, cujas canoas cercavam o navio, uma amostra de suas generosas riquezas, não apenas oferecendo um espetáculo inacreditável para nossos espíritos esmagados (ainda deprimidos pelo inverno congelante e pela miséria), mas pareceu para nós como um presságio revelador da terra prometida, da Nova Canaã.

[...] De nossa parte, quase dois meses se passaram desde a chegada, e ainda não nos libertamos da primeira impressão que tivemos, uma emoção quase sensual que sentimos quando essa visão mágica se desdobrou diante de nossos olhos no convés do navio. Nem mesmo entre a avassaladora inspiração do cenário das montanhas de neve da Suíça, experimentamos tal reação a arrebatador excesso de beleza.

Nossos olhos, acostumados à beleza rítmica e proporcional das paisagens europeias, tentamos desesperadamente nos ater em algum detalhe plausível ou encontrar algum jeito de medir esse esplendor infinito, mas falhando nisso, eles estupidamente começaram a contar as ilhas, as montanhas, e todos os arranha-céus à vista, mas logo desistimos dessa tarefa inútil, e nossas almas, completamente maravilhadas se renderam à voluptuosidade da pura contemplação (Rónai, 1941, pp. 14-15).

Como Zweig, Rónai revela sentir-se acolhido ao se aproximar da baía de Guanabara, o que se expressa na impressão de que a baía “transmite raios de sol morno” e oferece “riquezas generosas” nos pequenos barcos mercantes que cercam o navio. A filia, presente na representação da terra estrangeira, realça-se ao opor o cenário cálido e generoso ao inverno e miséria que acompanham o viajante a partir de seu lugar de origem. A imagem que aflora a sua fantasia é a da Terra Prometida.

Embora estivesse há dois meses no Brasil, Rónai diz que a impressão de beleza diante da paisagem ainda não havia se dissipado. E a filia torna-se hiperbólica, pois “nem mesmo” entre as montanhas de neve da Suíça o viajante experimentara “arrebatador excesso de beleza”. Comparação que transita para a atitude de mania, em que o espaço estrangeiro é representado como superior ao espaço de origem. A hipérbole se expande na reação seguinte: a inútil tarefa de contar ilhas, montanhas e arranha-céus... Beleza assimétrica - oposta à beleza “rítmica e proporcional” europeia -, de sinuosidades irregulares, que seduz, mas jamais se entrega plenamente ao olhar do viajante, e este então se rende à contemplação voluptuosa. Reforçam-se os estereótipos da sensualidade e da cordialidade brasileiras, presentes na paisagem sinuosa, montanhosa, nas incontáveis ilhas, na sensação de “abraço” que parece proporcionar a chegada à baía de Guanabara a alguém que foge do frio, da miséria e dos horrores da guerra. Chevalier e Gheerbrant (2009, pp. 501-502) lembram que a “ilha, a que se chega apenas depois de uma navegação ou de um voo, é o símbolo por

excelência de um centro espiritual”, “um mundo em miniatura, uma imagem do cosmo completa e perfeita”, evocativa do “refúgio”.

À voluptuosidade da beleza natural infinita (“ilhas” e “montanhas”) conjuga-se o arranha-céu, marca de modernidade que anuncia que essa “Terra Prometida” poderá oferecer-se como substitutiva do lugar de origem do exilado, o que se confirmará, mais à frente, na descrição da flânerie de Rónai pelas ruas do Rio de Janeiro.

4.2. As duas tendências do viajante

Sempre criando um clima de intimidade com o leitor, Rónai revela suas leituras sobre o Brasil, especialmente de viajantes estrangeiros, entre os quais, cita Stefan Zweig. Como considera Dines (2004, p. 393), no Brasil, “Zweig circulou não muito longe dele, mas não se conheceram”. Rónai assume-se como um viajante que se desloca para novos lugares com informações prévias, o que torna ainda mais enfático seu fascínio pela baía de Guanabara, pois mesmo conhecendo outras descrições, percebe a paisagem sob o deslumbramento que a beleza natural, vista pela primeira vez, pode provocar. A contemplação desse viajante evoca não somente referências literárias como também comparações com paisagens conhecidas, e assim condensa-se com a saudade de casa. Depois de algum tempo, as novas paisagens vistas, tornam-se evocativas de lugares familiares, oferecem-se como seus substitutos:

Todo viajante sentimental, na sua mais profunda consciência, possui duas tendências contraditórias: Uma é o desejo por descobertas, que nos incita a procurar novas sensações, a experimentar sabores desconhecidos, a embeber os olhos em novos e maravilhosos espetáculos. No Rio, esse instinto pode ser facilmente satisfeito.

[...] No entanto, depois de alguns dias, essa febre de descoberta começa a ficar para trás diante de outro sentimento, que é o oposto, mas ao mesmo tempo é seu complemento: a saudade de casa; das coisas habituais e cenas familiares. Para amenizar esse anseio, o espírito do velho mundo procura se enterrar nos subúrbios da nova cidade, na esperança de encontrar alguma impressão familiar. É naturalmente uma busca inconsciente; quando inesperadamente se encontra alguma cor, tonalidade ou fragrância que nos lembra do nosso passado na Europa, é muito grande a alegria. A respeito disso o Rio também satisfaz a imaginação mais exigente. Talvez sem perceber, o Rio possui muitos lugares que lembram cantos do Velho Continente, porém enquadrados em moldes surpreendentes. Sua apreciação é muito comovente, quando se sabe que grande parte dos originais europeus já não existem mais, eles foram brutalmente transformados ou dizimados pelo cataclismo.

[...] Sentado, em uma tarde ensolarada, no terraço de uma cafeteria na avenida Atlântica, olhando para um mar um tanto agitado, quando, de repente, sente-se uma agitação da memória que se esforça para lembrar, incorporar, para concretizar. Esse murmúrio das ondas, essa fila de palácios brancos, esse prazer de viver, nós vimos e admiramos em outros tempos, no litoral de outro mar; a imagem se forma vagarosamente, apenas precisamos corrigir um pouco da cor ou do detalhe. Sim! O céu era um pouco menos sereno, o mar era mais verde-azulado, a praia um pouco maior, os palácios não tão altos... E lá, renasce diante dos olhos do sonhador, vagamente pelo véu da saudade, está a praia de Ostend, tão irremediavelmente perdida.

[...] A paisagem não é a única coisa que evoca essas recordações da Europa. As livrarias da rua Ouvidor oferecem uma infinidade de valiosos livros europeus, que desapareceram completamente, desprezados ou banidos do Velho Continente. As lojas de moda perpetuam as linhas de elegância que são escassamente encontradas agora nos dias de racionamento na Europa. As perfumarias exalam essências que, do outro lado do mar, hoje ninguém mais está disposto a destilar. Das cafeterias em quase todas as esquinas, emana o saudável aroma do puro café brasileiro, algo desconhecido há muito tempo na Europa, onde apenas algumas substituições lamentáveis são encontradas, em vez do que costumava fazer parte da rotina diária em nossas antigas Capitais (Rónai, 1941, pp. 17-18).

Rónai assinala duas tendências no “viajante sentimental”: a primeira, desejo de descobertas, é sinestésica, envolvendo a contemplação minuciosa da paisagem e seus contornos, da vegetação, dos tipos humanos e suas singularidades culturais, os sabores e aromas. A essa tendência, em que procura descobrir o lugar estrangeiro pelas sensações e revela o trabalho de luto da terra de origem perdida, associa-se a segunda, ligada à busca de semelhanças com os lugares de origem, em que emerge a “saudade de casa”. No espaço estrangeiro, os subúrbios antigos causam familiaridade, as cores e aromas lembram a Europa, e Copacabana pode sugerir reminiscências da praia de Ostend. Mas, os simulacros tornam-se espaços de reencontro com os originais europeus que “já não existem mais”. Não só a paisagem natural e urbana tornam-se promessas de recomposição dos originais destruídos para o viajante exilado, mas também outros elementos da alta cultura europeia se oferecem na “Terra Prometida”, como os perfumes franceses, que podem ser encontrados nas boutiques cariocas, e as livrarias da rua do Ouvidor, que “oferecem uma infinidade de valiosos livros”, “banidos do Velho Continente”. A atitude de filia, sugerida pelas possibilidades de restauração de elementos valiosos do espaço original europeu perdido, hiperboliza-se e converte-se em momentos de mania, por exemplo, na representação das cafeterias cariocas e na sugestão do “saudável aroma do puro café brasileiro”. E a foto panorâmica de Copacabana – que materializa a vista também mencionada por Zweig –, a do interior da Confeitaria Colombo e a das estantes da livraria José Olympio revelam “o inconsciente ótico do modernismo e sua pulsão escópica”, como considera Antelo (2004). Pulsão que se exterioriza na busca de novos objetos de investimento afetivo, trabalho de luto do que foi perdido.

5. Diferentes ritmos

Diferentemente de Zweig, que mostra um olhar deslumbrado e um ritmo veloz e tenso em suas mudanças de perspectiva sobre a cidade do Rio de Janeiro, o olhar de Rónai tem o devagar/divagar da contemplação: introjeta o novo espaço urbano e o faz dialogar intimamente com referências prévias, materializando, podemos assim dizer, o que Freud (1976) chama de trabalho de luto. Observemos a descrição da cidade a partir de um décimo andar de um prédio no centro do Rio e, nessa vista, o contemplador enquadra a lembrança de Paris vista do alto do Arco do Triunfo:

Em outra tarde, olhando para baixo do 10º andar de um prédio na avenida Rio Branco, com seu incessante fluxo de automóveis, táxis e ônibus, cujos para-brisas refletem a luz do sol, um momento de distração é suficiente para se acreditar que se está no topo do “Arco do Triunfo” em Paris, em uma dessas serenas tardes de setembro, quando, em um delicioso langor nós seguimos com nossos olhares o mar de veículos, trazendo consigo manchas de luz, que depois se dispersam em todas as direções da “Etoile” e “Ville Lumière” (Rónai, 1941, p. 18).

Em Zweig, vimos pinceladas rápidas e movimento intenso, mesmo quando, dentro de um apartamento, olha através das diversas janelas; durante passeios de automóvel, tudo quer imediatamente absorver: do mar cintilante ao topo da montanha, do mundo luxuoso ao primitivismo dos barracos.

Se Zweig e Rónai veem a aproximação da baía de Guanabara como refúgio, seus textos parecem mimetizar diferentes estados emocionais. No escritor austríaco, há uma tensão que se configura a partir de uma consciência da perda do espaço de origem, lugar de prazeres, amizades e reconhecimento público, e no desejo ansioso de recriá-lo no paraíso idealizado. Dessa tensão resulta uma linguagem hiperbólica e um texto narrativo-descritivo em movimentos rápidos. Como se o olhar procurasse avidamente assimilar o microcosmo edênico e fazer com que este correspondesse às idealizações do escritor exilado.

Na escrita do ensaísta húngaro, há uma tensão entre os dois impulsos que ele atribui ao viajante: o interesse pela nova terra e a saudade dos lugares familiares. Mas essa tensão se expressa em ritmo calmo, que imita a contemplação, a absorção dos novos lugares, e encontra equilíbrio ao converter o que vê, antes, em simulacro sentimental dos lugares de origem, para, em seguida, perceber que o simulacro é tudo o que lhe

resta, pois, aqueles estão definitivamente perdidos. Resta adaptar-se à terra estrangeira e nela reconhecer elementos de filia. Na paisagem natural e no cenário urbano repõem-se, inicialmente, objetos de desfrutes sensuais perdidos no lugar de origem, até que se tornem espaços de prazeres próprios.

Enquanto Zweig parece viajar com a câmera em movimento, Rónai viaja em panorâmicas, aproximando, por vezes, a lente dos objetos, tecendo relações afetivas com eles, acentuando assim o lirismo de seu texto. A escrita de Zweig pode revelar deslumbramento sincero, mas também elaboração estética e talvez intenção de retribuir a Vargas o visto de permanência. O livro é composto entre 1940 e 1941; escreve, portanto, a partir de uma distância de alguns anos de suas primeiras impressões, quando desembarcou no Rio de Janeiro pela primeira vez em 21 de agosto de 1936.

Rónai escreve próximo de sua chegada. Talvez o fizesse movido também por retribuição ao refúgio que lhe foi concedido no País, afinal a revista *Travel in Brazil* era fomentada pelo DIP, mas editada a partir da lúcida mediação de Cecília Meireles, de quem Rónai se tornou amigo. Paulo Rónai conclui seu texto com uma homenagem ao Rio de Janeiro:

Rio de Janeiro, nós a agradecemos por nos fazer perceber o milagre da união do antigo e do novo; o conhecido e o ignorado; a revelação e a saudade. Nós a agradecemos, por ter preparado para nós as riquezas inesgotáveis de um novo Continente e ao mesmo tempo por ter preservado tanto dos tesouros sentimentais e intelectuais da nossa velha Europa aflita.

Síntese do duplo movimento do escritor-viajante exilado: filia e homesickness, expressões do trabalho de luto dos lugares de pertencimento perdidos e possibilidade de investimento afetivo na “Terra Prometida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Antelo, R. (2004). *Potências da imagem*. Chapecó: Argos.

Ascher, N. (2007/17/12). Paulo Rónai no seu centenário. *Folha de S. Paulo*.

Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (2009). *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Colombo, C. (2007). Diários da descoberta da América (M. Persson, Trad.). Porto Alegre: L&PM.

Dines, A. (2004). *Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Rocco.

Freud, S. (1976). Luto e Melancolia. Em *Obras Completas* (J. L. Meurer, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Holanda, S. B. de. (2007). *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense.

Machado, A. M. & Pageaux, D.-H. (1988). *Da literatura comparada à teoria literária*. Lisboa: Edições 70.

Pinto-Correia, J. D. (2003). Deslumbramento, horror e fantasia. O olhar ingênuo na literatura de viagens. Em F. Cristóvão. *O olhar do viajante* (pp. 9-33). Coimbra: Almedina.

Rónai, P. (1941). A European's impression of Rio in 1941. *Travel in Brazil*, 1(4), 14-19.

Souza, J. M. de (1942). The National School of Physical Education of Brazil. *Travel in Brazil*, 2(4), 8-13.

Todorov, T (2003). *A conquista da América* (B. Perrone-Moisés, Trad). São Paulo: Martins Fontes.

Zweig, S. (2013). *Brasil, um País do Futuro* (A. Dines, Prefácio; K. Michahelles, Trad.). Porto Alegre: L&PM.